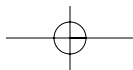
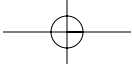


## PREMISSAS

Para começar sem rodeios: porque foi preciso empregar a palavra «Eurotaoísmo», pesadona e especulativa, no título inicial do livro?

Quanto a isso, há três respostas possíveis. Em primeiro lugar, poderia tratar-se de uma das involuntárias formulações absurdas que, como está provado, de vez em quando ocorrem ao autor; nessa hipótese, seria lícito admitir que, logo pelo seu título, o livro tenha morrido como que de uma dose excessiva de profundidade de pensamento. Em segundo lugar, poder-se-ia estar perante um exemplo de «graça combinatória», ao estilo das núpcias-relâmpago entre conceitos muito afastados uns dos outros de Friedrich Schlegel; contudo, se estivesse realmente em causa semelhante graça, o melhor seria deixá-la sem comentários, pois uma graça, que se presta a discussão, já não tem graça nenhuma; na medida, porém, em que a arte combinatória é um comprovado procedimento do primeiro período do Romantismo para a descoberta de analogias estruturais, é lícito pedir-se a paciência de esperar pelo resultado. Em terceiro lugar, «eurotaoísmo» poderia ser a epígrafe colocada sobre uma oportunidade perdida. Com um tal título, seria natural aproveitar-se o ensejo para dizer algo determinante sobre o jogo das polaridades, a reunificação do espírito e da natureza e a abertura do *chakra* do coração. Tudo isso são coisas que nos interessam. O autor confes-

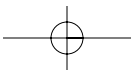


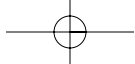


sa que é uma pena que se desperdice a oportunidade, aqui, de asseverar aos leitores que o divino também está neles. Mas não adianta nada negar os factos: nada de edificante se encontrará. Este livro e o seu título mantêm-se apenas em terrenos problemáticos, o seu apelo dirige-se exclusivamente à necessidade de perceber aquilo que faz seguir o actual curso do mundo pelo seu rumo. E não deixaria de estar voltado para essa necessidade da inteligência, mesmo que houvesse que admitir que os exercícios de compreensão propostos por nós evocam as gesticulações de um acendedor de lampiões a querer tornar-se útil numa cidade que tivesse adoptado a iluminação a néon.

A desilusão com estas respostas é previsível. Trata-se, manifestamente, não tanto de informações precisas quanto de manobras evasivas perante uma situação penosa. Mas era, realmente, de esperar uma resposta afirmativa? Não é o *tao*, na boca dos autores ocidentais, uma curinga, que se joga quando se trata de prometer mais do que aquilo que será para cumprir? Ah! O taoísmo! Fórmula mágica, tirada da retorta da física atómica, para conseguir totalidades à pressa e a tranquilidade! A enigmática sílaba *tao* foi, ultimamente, parar à zona da pacotilha e quem, mesmo de futuro, quiser reconhecer-se como adepto do seu evidente encanto terá de viver sob a suspeita de querer juntar a sua voz ao coro que canta as cantigas neo-religiosas da totalidade. No entanto, o autor considera *a priori*, como o centro do seu trabalho, o facto de se expor ele próprio a suspeitas. Visto que os filósofos, até agora, apenas lançaram suspeitas diferentes sobre a interpretação do mundo feita por outras pessoas, importa é a gente meter-se nisso.

Eurotaoísmo — para esboçar uma resposta mais séria — é também um título para a tentativa de chamar a atenção com tal premência para a singularidade deste continente fazedor de história que mais nenhuma mera crítica exterior, tendo a Europa como tema, possa tornar-se plausível. Mesmo que reconheçamos que a sabedoria oriental é uma grandeza impressionante, que só depende de si mesma, o facto é que não se pode valer

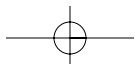




com meras importações da Ásia ao mundo mobilizado ao jeito ocidental. Tal é, precisamente, a iniciativa do americotaísmo, que reage contra a «crise do Ocidente» com a importação de *fast food* holístico do Extremo Oriente. Evidentemente, essa cozinha rápida apresenta-se também como *nouvelle cuisine*, aposta no Novo Pensamento como numa receita irresistível, serve mudanças de paradigma mundiais como se fossem pratos numa ementa histórica e promete-nos sinceramente que, depois do prato cru de Peixes, se seguirá um suave *chop-suey* do Aquário. Contudo, o alcance do Novo Pensamento esgota-se, tal como seria de recer, na sugestão de comermos, de futuro, as nossas ideias com pauzinhos — «o homem é aquilo que come».\*

A réplica por nós formulada reconhece às sugestões californianas a sua justificação, quando elas são oportunas. Recorda, todavia, tão modestamente quanto possível, tão insubordinadamente quanto necessário, o facto de haver pratos — isto para não se sair da imagem — perante os quais, com pauzinhos, se ficaria cheio de fome. São, falando sem metáforas, os fenómenos de grande amplitude que foram retirados da substância epistemo-messiânica da velha Europa e passaram a actuar à escala planetária: história, ciência, indústria, comunicações em massa, velocidade. Mesmo que não se trate permanentemente dessas grandezas, os ensaios neste âmbito gravitam continuamente à sua volta. Elas constituem critérios para um pensamento capaz de actualidade. Pode parecer escárnio, perante estes fenómenos espinhosos, evocar o universo redondo das antigas polaridades chinesas. Se, apesar disso, o título inicial deste livro contém semelhante alusão, pois é com o objectivo de recordar, no sítio onde foram montadas as rampas de lançamento da expedição modernizadora, a irónica dimensão dos problemas criados por nós próprios. Daí em diante, ter-se-ia de ser taoísta, para suportar a ideia de que até o taoísmo já de nada nos vale.

\* Adágio alemão, de conotação materialista, que joga com a quase-homofonia das duas formas verbais *ist* (é) e *ißt* (come). (N. T.)



Como assim, então, o eurotaoísmo? Neste estranho vocábulo, ressoa um resto da insatisfação geradora de história que impulsionou as grandes revoluções dos tempos modernos. Nele ecoa também um certo assombro perante a circunstância de nada de melhor ter querido resultar das arremetidas europeias pela novidade adentro, senão a omnipresente tendência para a catástrofe. Como vocábulo travesso, ele tem consigo ainda algo da «versada amargura», a partir da qual os pensadores vanguardistas de outrora pretendiam destilar o saber revolucionário. Não obstante, essa palavra com cornos e cascavéis anuncia agora uma crítica alternativa da modernidade — uma crítica da mobilização planetária, qual falsa revolução permanente. Juntamente com o subtítulo, o conceito torna-se paulatinamente razoável de um modo bastante tolo. O que até se traduz no facto de, subsequentemente, ele já não desempenhar mais nenhum papel. Só mais uma vez o vocábulo aparece de forma manifesta, e o leitor terá, então, de adivinhar com que função.

Como tudo quanto o autor publicou até ao presente, estes textos são exercícios de subversão contra o absolutismo da história e da socialização. Em vez da orientação pela norma progressiva, que tão rapidamente degenera em arrastamento para a frente, recomenda-se atenção à mobilidade lateral. Foi já disso que se tratou, ainda mais indirectamente, ainda mais ambiguamente, no recurso à antiga intervenção cínica e nas referências à utópica presença de espírito do homem metido na barrica. Entretanto, serenou o divertimento à volta da crítica do cinismo; do equívoco, segundo o qual a crítica deveria, assim, ser reduzida a mera pantomima, nada subsistiu entre pessoas criteriosas. Aquilo que, como sempre, provém da descoberta do factor pantomímico, o interesse pelo gesto, pela atitude e pelo movimento, converteu-se em propostas para uma teoria do movimento civilizador — uma teoria, na qual a diferença vital entre mobilidade e mobilização se oferece como critério de uma «ética» alternativa. De forma embrionária, as páginas seguintes

contêm, portanto, uma nova versão de teoria crítica, porém, não «da sociedade», mas do processo de progresso do tipo ocidental posto em cena pelas sociedades modernas. Com o actual processo mundial, que manifesta uma acelerada tendência para a catástrofe, os homens, enquanto autores e vítimas da mobilização, ressentem a sua predominante forma de vida como algo que conduz ao que é errado. Na qualidade de autores, dão-se conta, ao mesmo tempo, da sua capacidade de estar de acordo com o erro até à completa identificação com ele. É por isso que uma teoria crítica da mobilização não é apenas uma tradução da crítica da alienação para uma linguagem cinética. Há que admitir que, nas acelerações mais arriscadas do presente, está sendo executado algo que provém do que nos é próprio e do que nos está próximo, ou, por outras palavras, do que nós próprios queremos. Se assim sucede, então já não pode haver nenhuma teoria crítica da sociedade — uma vez que, entre a crítica e o objecto da crítica, já não surge nenhuma diferença real. A não ser que a crítica pense, primeiro, contra si própria e submetta também aquilo que é próprio, próximo e querido pelos próprios a um exame.

Esse tipo de crítica apenas existiu, até agora, enquanto teologia. Os teólogos usufruíam do privilégio de criticar o mundo como mundo em nome de um sujeito diferente, superior ao mundo, de tal maneira que também o que nos é próprio ficava submetido à crítica. No presente livro, tenta-se repetir uma crítica desse tipo sob uma forma não teológica. O que pressupõe que o espírito crítico se desprenda da face da Terra e possa distanciar e transformar mesmo aquilo que lhe é próprio, próximo e querido pelo próprio. Uma tal crítica rompe o abandono cínico-melancólico ao mundo que, hoje, se apresenta por toda a parte alindado como entendimento pós-moderno. Mas evita também a contemplação total, masoquista, que leva ao auto-afastamento metafísico. Nem escapadiça nem complacente, a crítica alternativa visa fazer avançar uma teoria crítica do ser-no-mundo. Esta tornar-se-ia plausível, desde o momento em